

SEXTA-FEIRA  
30 OUTUBRO  
1931

# Alma Popular

Jornal republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do concelho d'Oliveira do Bairro e da região bairrada. Radina: =::=

Propriedade da Empresa da «ALMA POPULAR»

Editor — Mário d'Oliveira da Silva Briosas

FUNDADORES E DIRECTORES

Dr. Manuel dos Santos Pato  
Tiago A. Ribeiro

Redacção, Administração e Tipografia

OLIVEIRA DO BAIRRO

## O MEU REINO NÃO É DESTA MUNDO...

Os monárquicos, que se dizem católicos, como não podem publicamente dar vivas ao sr. D. Manuel ou ao sr. D. Nuno — por causa das moscas — cometem este hediondo sacrilégio, este sacrilégio que não tem perdão, segundo cremos, na doutrina católica.

— Pegam em Cristo, coram-no Rei como fizeram os judeus, e atiram-no á cara de todos os republicanos — consolados, babados de gôso, felizes por nos poderem pregar essa partida.

Não há festa de igreja, não há procissão, não há arraial, onde uma chusma se não esganice a gritar, piscando o olho:

— Viva Cristo-Rei!  
— Viva Cristo-Rei!

E ficam radiantes de intima alegria, rebolam-se de seráfico prazer, teem fios de baba ao canto da boca, por poderem gritar impunemente aos ouvidos dos republicanos este vocábulo ridículo: Rei.

Porque, em verdade, só essa palavra interessa a imbecilidade destes rebentos monárquicos. O nome de Cristo é apenas o papel de embrulho daquele acepipe realengo.

Se preguntássemos a qualquer desses grotescos manifestantes quem foi Cristo, que doutrinas pregou Cristo, em que jornadas andou Cristo na sua propaganda a favor dos humildes e contra os tiranos, contra os déspotas, contra os inimigos da liberdade humana — nenhum desses pobres de espírito nos saberia responder.

Sabem lá quem foi Cristo! Sabem lá que doutrinas é que Cristo pregou!

Cristo nunca foi Rei, nem quiz ser Rei.

Pelo contrário: desprezou todas as grandezas terrenas, todas as vaidades, todas as ambições, para andar em meio dos pobres, em meio dos humildes, em meio de todos os perseguidos, vergastando e combatendo os tiranos.

Cristo só foi Rei, por enxovalho, por ironia, por escárnio, por afronta dos seus perseguidores, que lhe puzeram na cabeça uma corôa de espinhos e na mão uma cana verde a fingir de cetro.

E quando lhe insinuavam qualquer coisa que se prendesse com grandezas terrenas, atalhava logo:

— O meu reino não é deste mundo...

E aconselhava os seus fieis a acatar o Estado, a servir o Estado. Não os aconselhou nunca, absolutamente nunca, a afirmarem quaisquer soberanos direitos sobre o Estado, acima do Estado.

— A César o que é de César. Ao Estado o que é do Estado.

Só agora, por toda a parte — e não só aqui — anda a chusma dos falsos católicos a coroar Cristo, feito Rei, tal qual como os judeus que o crucificaram.

E peores do que os judeus. Porque os judeus — se a lenda é verdadeira — mataram-lhe o corpo. Mas estes falsos cristãos deturpam-lhe, falsificam-lhe a doutrina.

Matam-lhe a alma — o que é mil vezes peor.

Agora, para estes farizeus, tudo é Realza.

Temos Cristo-Rei. Temos o Coração Rial de Cristo. Temos a Realza de Nosso Senhor Jesus-Cristo, a Realza do Senhor, o reinado social de Cristo, o Rei do Amor Divino e não sabemos que mais.

O piedoso e inteligente padre Alves Correia, das missões do Espírito Santo, padre que merece todo o nosso respeito, até nos acaba de contar, em um magnífico livro aprovado pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, que certos católicos pensavam em fazer juntar aos emblemas da bandeira da Pátria mais este: o Rial Coração de Jesus.

Sem Rial não se fazia nada!

Ora, eu tenho o máximo respeito por todas as crenças sinceras. O máximo respeito. Tenho escrito isto mil vezes.

Andei sempre, na política portuguesa, a defender idéas de paz, de generosidade, de tolerância, de respeito pelas crenças de todos.

Ninguém sofreu mais do que eu por proceder assim.

Mas irrita-me esta especulação política, esta tórpe exploração política, feita á sombra da personalidade de Cristo!

Sejam monárquicos á vontade — se acaso neste país ainda há alguma ave rara, algum sebastianista incorrigível, algum imbecil insano, que julgue possível a mudança de instituições.

Que julgue possível a restauração da monarquia.

Mas deixem Cristo em paz!

Não se sirvam de Cristo para atirar á cabeça de adversários que são, afinal de contas, os verdadeiros detentores das doutrinas desse mesmo Cristo!

Quem atira a Religião para a fogueira da politica, fazendo dela uma catapultã de guerra, não tem espirito religioso.

Tem apenas ambições temporais. Ambições terrenas. Ambições mundanas.

E o reino de Cristo não é deste mundo.

Ele o disse...

Ribeiro de Carvalho.

## Dr. António Vicente

Após um curso brilhante, concluiu a sua formatura na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra o nosso prezado amigo, dr. António Pires Vicente, do Troviscal.

O novo médico chegou á sua terra natal no passado domingo, pelas 15 horas, tendo-lhe os seus amigos preparado condigna recepção.

A entrada da localidade organizou-se um cortejo, em que tomou parte a banda do Troviscal, que se dirigiu á Assembleia, vistosamente engalanada, onde se realizou uma sessão de homenagem ao novo facultativo. Presidiu o nosso director, dr. Manuel dos Santos Pato, secretariado pelos drs. Arlindo e Alberto Vicente, irmãos do homenageado, e pelos professores António Joaquim de Carvalho e Acúrcio de Albuquerque. Usaram da palavra, dando as boas-vindas e fazendo o merecido elogio do dr. António Vicente, que agradeceu comovido, os seus antigos professores, nossos amigos, José de Oliveira e dr. Manuel das Neves.

Encerrada a sessão, o cortejo dirigiu-se para junto da casa do homenageado, onde a banda do Troviscal tocou durante o resto da tarde.

A Alma Popular, associando-se ás homenagens prestadas ao dr. António Vicente, apresenta os seus cumprimentos de boas-vindas, desejando-lhe as maiores felicidades.

## Moedas de prata e bronze

Foram mandadas retirar da circulação as moedas de prata de 1\$00, \$50, \$20 e \$10.

Também deixam de ter curso legal, em 1 de Janeiro do próximo ano, as moedas de bronze-alumínio de \$50 e 1\$00.

## ECOS

### ANALFABETISMO

**ALFA-SE** muito, actualmente, na extinção do Analfabetismo, e a imprensa, numa atitude louvavel, sustenta campanhas nesse sentido.

Pois o famoso conde de Aurora, já tristemente assinalado pelas suas baboseiras, saiu-se com mais esta no recente congresso missionário de Barcelos:

«Pode considerar-se feliz o que não sabe ler, porque assim não se deixa contaminar pelos erros que transpiram desses nefastos livros de História que para aí abundam»

Querem-no mais... sábio?

E proclamar-se que há mais luz nas vinte e cinco letras do Alfabeto do que em todas as constelações do firmamento!

E dizer-se que a civilização dum povo se avalia pelo grau da sua instrução!

E afirmar-se que a instrução é a melhor arma de que o homem pode servir-se para sair triunfante das batalhas que tem de travar pela vida fóra!

Por tão exótica e genial descoberta — pode considerar-se feliz o homem que não sabe ler — merece uma estátua o célebre conde de Aurora.

### A CRISE E OS IMPOSTOS

**B**A quem atribua, em parte, a pavorosa crise económica e financeira que está affligindo a Alemanha, aos excessivos encargos tributários criados pelas autarquias locais.

Não nos cumpre discutir se sim ou não esse factor contribue para o desequilibrio económico. O que sabemos é que, entre nós, sendo a crise bastante pronunciada, mesmo angustiosa, as Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia arrecadam, só em resultado da remissão do imposto de prestação de trabalho, quantias avultadíssimas, outrora poupadas á magra bolsa do contribuinte.

## Quem acode à lavoura?

Não devem ignorar os nossos leitores o mal que assoberba o país, porque hoje são muito poucas as famílias que, dentro da área onde residimos, freguesias, vivem com desafogo, lutando com muitas dificuldades.

O pequeno comerciante

### VERDADES AMARGAS

**P**OR partirem donde partem, dum semanário pedagógico, O Português Popular, dirigido por António Figueirinhas, que não é jacobino, mas até, segundo se deprende dos seus escritos, um espirito conservador — achamos interessante reproduzir aqui algumas notas sobre politica, insertas num dos últimos números:

«Uma monarquia hoje em Portugal seria um desastre. Onde estão os monárquicos que fugiram todos do rei quando viram os ares turvos? Onde se refugiaram eles depois? A maior parte ofereceram-se á República e estão ainda hoje a fruir lugares que os republicanos da velha guarda nunca abicharam. Uma parte dos outros foram-se encostando a ela gradualmente, fazendo o seu negócio, e se hoje lhes falarem em monarquia, podem dizer que sim, mas estão mortos pelas vantagens da República.

¿Patriotas de alma e coração, quantos ficaram ao lado dela? Tão poucos que mal a gente os enxérga. E os que pior fizeram á monarquia, sendo monárquicos, também hoje não são dos mais genuínos amigos da República. Conhecemo-los nos fempas antigos e ainda hoje os vemos por aí a fazerem-se mais papistas do que o papa. A paparoca vira casacas com uma facilidade assombrosa. Eles não mudam de idéas que não teem, mudam de patrão, o que lhes é indiferente».

Verdades amargas, mas grandes verdades!

### REMATE CÓMICO

**U**M partidário da «Lei seca», que estava fazendo uma conferência de propaganda antialcoólica, querendo dar a compreender nitidamente, aos ouvintes, que o prazer de beber alcool não era um prazer natural, mas um gôsto criado pelo homem, disse:

Se os senhores puzerem diante de um burro com sede, um balde de alcool e um balde de água, qual escolherá elle?

— O balde de água, respondeu um dos assistentes.

— E porquê?

— Porque é burro.

Se os senhores puzerem diante de um burro com sede, um balde de alcool e um balde de água, qual escolherá elle?

Se os senhores puzerem diante de um burro com sede, um balde de alcool e um balde de água, qual escolherá elle?

Biblioteca Municipal

# Como se defende a República

a sua honestidade. Não paga, porque não pode. Não tem numerário. Anuncia, ou anunciam-lhe a venda da sua melhor terra, do seu aido. Os compradores não aparecem. Os vizinhos, os amigos, os capitalistas, mesmo sendo uma pechincha, gira popular, não empregam o dinheiro em propriedades, porque mesmo com as libras a 110\$00, os produtos a colher não pagam o juro do capital empregue! Vem o desequilíbrio, a falência, o desemprego, a fome, a miséria! Começa o cortejo dos famintos, batendo às portas, cheios de fome, fustigados pelo vento, pela chuva, muitas vezes por palavrões, os sem trabalho, os operários, pedindo pão ou trabalho.

A lavoura, a mártir e sempre sacrificada agricultura, ainda é quem emprega mais trabalhadores, embora com salários diminuídos, porque, presentemente, está dando o seu próprio sangue, o detentor da terra portuguesa! Acarrije-se a lavoura, temos nós vindo martelando na bigorna da Razão, mas temos fé que a agricultura há de ter o seu dia grande!

Em Agosto último os agricultores do distrito de Beja apresentaram um alvítre para solucionar a crise agrícola que assolava o país, que se resumia em parte, na livre entrada dos adubos estrangeiros destinados à agricultura. Nada mais lógico, mesmo de grande benefício para a agricultura em geral. Mas, sempre o triste mas aparece um fantasma! Ele aí vai, segundo o relato da *Ala Esquerda*:

«Levanta-se, corre pressuroso o sr. Alfredo da Silva a afirmar que a União Fabril, querendo colaborar na campanha cerealífera para debelamento da crise agrícola, resolvera fazer grande redução no preço dos adubos, em face do que a lavoura desistiu daquela reivindicação. Passado, porém, pouco tempo é a propósito dos males que afligem a Inglaterra e que em Portugal ainda se não fizeram sentir, as fábricas de adubos químicos aumentam oitenta escudos em tonelada, ou seja um conto e seiscentos escudos em cada vagon de quatrocentas sacas, aos superfosfatos há longo tempo depositados nas fábricas do Barreiro e de Setúbal, sendo assim a lavoura portuguesa na dura contingência de mais um ano trabalhar em pura perda e exclusivo interesse dos seus exploradores.

E' assim mesmo, exploradores. E, sempre escudados na verdade, reforçamos o que fica escrito com

Todo o democrata a pode defender, a deve defender. E' um dever que se lhe impõe — é uma obrigação que tem a cumprir. A dentro do seu lar e fóra d'ele. Na repartição e na oficina. Na barricada e no jornal, entre estranhos ou no meio de amigos. Sempre. Em toda a parte — pela palavra escrita, ou pela palavra falada. Só assim se é republicano, alevantada, dignamente republicano. No lar sendo bom filho, bom esposo, bom pai. Na repartição sendo funcionário digno, correcto, honesto. Na oficina bom camarada, não desprezando a solidariedade dos seus companheiros e prestando-lhe, em todos os sentidos, o seu auxílio moral. «Um por todos — todos por um!» No jornal doutrinando, educando, formando consciências, construindo idéas sobre idéas — preparando, consequentemente, um mundo novo e melhor, onde todos possamos viver, onde todos caibamos. Se for necessário rasgarmos as mãos na escalada turbulenta duma barricada, saibamos lutar como homens, resistir como heróis, morrer como Enjoubas — gritando, com o sorriso a iluminar-nos o olhar: — Viva a Liberdade! Viva a República!

No regimen republicano

cabem, sem confusionismos, sem atropelos, os mais avançados ideais — desde o republicano conservador até ao republicano comunista. Cabem todos, absolutamente todos. Alcalá Zamora é republicano católico. Na Alemanha há os sociais democratas. Na Russia — e o que é a Russia senão uma República? — Trotski e Maximo Gorki optam pelo regimen comunista ou bolchevik. No fundo, no intimo, todos lutam na defeza da Democracia — democracia burgueza ou democracia exercida pelo trabalhador e pelo operário.

E' no intimo, no fundo, na essência, o lema é sempre, Inconfundivelmente, o mesmo — Liberdade! Igualdade! Fraternidade!

Nas democracias pretende-se a emancipação social pela educação, pela cultura das massas. Pretende-se aficercar consciências — formando Homens, eliminando o cancro da escravidão, sinónimo de embrutecimento e servilismo. Liberdade de Direitos — Igualdade de Deveres. Nivelamento perfeito, completo. Em vez do castigo que oprime, o conselho que redime. Em vez da cadeia — a Escola. Em vez da grilheta — o Livro. Em vez da espada de aço — o aço da charua. Aquela mata esta re-

volve a terra em busca da Vida. Substituamos a metralhadora pelas 26 letras do alfabeto — a cartilha maternal substituindo a espingarda. Eliminemos o Mal — edifiquemos o Bem. Guerra à Guerra — porque esta só produz cadáveres, fazendo da terra que pisamos uma vasta vala comum.

Ser republicano, ser democrata, é compreender tudo isto, é trabalhar para a regeneração do pensamento, para a libertação das consciências, para a formação de espiritos iluminados, onde a Justiça seja um dogma e o Direito uma religião. Cristo e Tolstoi trabalharam, doutrinando, no desejo de atingir o mesmo alvo — no propósito de alcançar o mesmo fim: «Amai-vos uns aos outros como irmãos!»

E a democracia cristã ou a democracia bolchevik, nada mais pretende do que tornar os homens irmãos dos homens.

Ser democrata, ser republicano, é pensar assim, é proceder assim. Firmemo-nos, pois, neste plano. Caminhemos a direito, empunhando a bandeira branca da Paz, na qual se inscreverá a nossa divisa: — «SEMPRE DIGNOS».

S. João da Pesqueira, Douro, Outubro de 1931.

José Manuel de Deus.

## Comissão Venatória

Foram eleitos para a Comissão Venatória Regional do Centro os srs. Francisco da Cunha Matos, dr. Fernando Ferreira Baptista, João de Sousa Bastos, José Antunes Barreto, Mário Duarte, Vitorino Dória e Henrique da Costa Ferreira Lopes.

## Carta — DE — AVEIRO

28 de Outubro de 1931

O cancro formidável e avassalador que corrói meio Portugal, vem agora sendo atacado por abalisados mestres, qual o mais perito e desembaraçado em soluções práticas e rápidas. Basta, pois, que o Estado, acudindo celeremente aos diagnósticos dos práticos, auxilie eficazmente a extirpação do maldito mal: — o *analfabetismo*.

Não é de hoje o ataque ao analfabetismo; mas tem sido tão descuido o remédio, pelos que pela doença tinham obrigação de olhar, que as melhores medidas tem caído em olvido.

Parece que há mesmo quem, à moda jesuítica, pretenda ver o povo envolto em trevas, para assim melhor pescar nas águas turvas e servir amizades ou influências que degradam e amesquinham.

Grande número de jornais, quer diários quer semanais, vem agora fazendo rija propaganda contra o analfabetismo que nos faz marchar na rectaguarda dos povos civilizados e instruídos. E essa propaganda é intensa e extensa.

Falta só que se estenda também a esta cidade, que tem uma das suas freguesias, com um lugar bastante populoso em gente na idade escolar, sem escola e sem professor, como é S. Jacinto.

Há já longos meses que, sem motivo justificado, d'ali saiu a professora para ser colocada no lugar da Preza, porque, apesar do caminho péssimo que para ali há, é mais cómodo do que ter de atravessar o rio, da cidade para aquela praia. E mais não há o perigo dos tubarões.

A propósito, vem falar da estrada que dá acesso à Preza e à Quinta do Gato. Parece que os seus habitantes não pagam impostos, ou não são gente civilizada, abandonados como estão pelos poderes camarários.

Temos já aí os mimos do inverno. Dizem-me que aquele caminho começa a estar intranzitável, e quando isto é agora, com as primeiras chuvas, o que será quando a inclinação do tempo se torne desabrida com as chuvas e os ventos.

Tem-se feito por aí tanta demolição de prédios, tem-se feito tantas escavações, e não há uns carros de entulhos para remendar aqueles enormes buracos.

Que espantallo é esse então do imposto do trabalho de que a Câmara pode utilizar-se em benefício das povoações rurais?

Francamente, é uma tristeza ver preteridas povoações ordeiras e trabalhadoras em favor dos melhoramentos da cidade, que tudo absorvem.

Quem será o influente político da Forca, da Preza, da Quinta do Gato e Sol-Pôsto, que descuro os melhoramentos das suas feitorias?

Diariamente vemos nos jornais a maroteira infrene que vai por aí na falsificação dos géneros alimentícios e na profusão de carnes avariadas que estão invadindo o mercado, não se ocultando os envenenadores do povo das patifarias que estão cometendo. Nem as multas pesadas em que são condenados, quando apanha-

os dizeres do nosso colega *Jornal de Abrantes*: — O *benemérito* sr. Alfredo da Silva, que em annuncios nos jornais de grande circulação disputou a primazia da baixa no preço dos adubos para *proteger* a lavoura nacional, o mesmo a quem o governo da República louvou por esse facto em portaria especial, e ainda o mesmo que, annunciando o preço do azeite, anunciava que brevemente teria nova baixa, caso único em annuncios, logo que se deu a queda da libra ordenou ao seu depósito de Alfer-

rarede, e certamente aos restantes que tem espalhados pelo país, que *suspenessem todas as vendas*. Sabem para quê? Para enviar novas tabelas com aumentos de respeito! Só no sabão aumentou 40 centavos em quilo! Pois é verdade... *grande benemérito!*

Quem acode à lavoura?

*A Justiça não podia ter o seu altar na ponta de uma lança, como também não pode hoje residir na lâmina de uma espada.*

D. António da Costa.

## HORAS LYRICAS

### SONETO

Como êsses bois que andam puxando às noras,  
Em passo melancólico e ronceiro,  
Sem alterar a marcha do ponteiro,  
O meu relógio vai marcando as horas.

Quer no ceu brilhem rútilas auroras,  
Ou cáia e morra o sol no mar fragueiro,  
O tempo segue o curso rotineiro,  
Sem paragens, sem pressas ou demoras.

Sómente quando o nosso olhar enxuto  
Tem clarões de ventura fugidia,  
Cada hora é mais curta que um minuto...

Mas nas horas de dôr ou desengano,  
Cada minuto dura mais que um dia,  
E cada dia dura mais que um ano!

ALBERTO BRAMÃO.

## "Alma Popular,"

Aos nossos colegas que noticiaram o nosso aniversário, fazendo-o alguns em palavras tão gentis que nos confundem, e às pessoas que nos enviaram cartas e cartões, felicitando-nos, agradecemos devéras reconhecidos a boa camaradagem e a melhor conta em que tem a nossa *Alma Popular*.

Podem, pois, todos contar com a nossa solidariedade jornalística.

Canetas «Conklin» (Endura), Petróleo Hahn, Javal, Taky, Odol, Agua Dentifrica Dr. Pierre, Neige Hazeline, Sabão Pears, Kaloderma, Mentholatum, Todos os artigos do Gibbs; Aguas de Colónia, Essências, Cremes, Pastas de Dentes, Pó de Arroz, Brillhantas de diferentes fabricantes nacionais e estrangeiros; Gilets, Láminas diversas, Estatuetas, Jarras de fantasia, Bengalas, Navalhas de barba, Pinceis, Máquinas de cortar cabelo, Cateiras, Escovas de dentes, Isqueiros de gazolina de diferentes modelos, Boquilhas, Caixas de charutos para brindes das melhores qualidades, Edições de postais da cidade de Aveiro.

Souto Ratola — AVEIRO

## Carvalho Araujo

Com a presença do sr. ministro da Marinha, Vila Real, a linda cidade trasmontana, prestou há dias homenagem ao seu heróico filho, o valente comandante do «Augusto de Castilho», o indefectível republicano Carvalho Araujo, erigindo-lhe um monumento.

Honram a Pátria e a República os homens como Carvalho Araujo. Das páginas da história da guerra jámais se apagará o nome de tão valente marinheiro.



